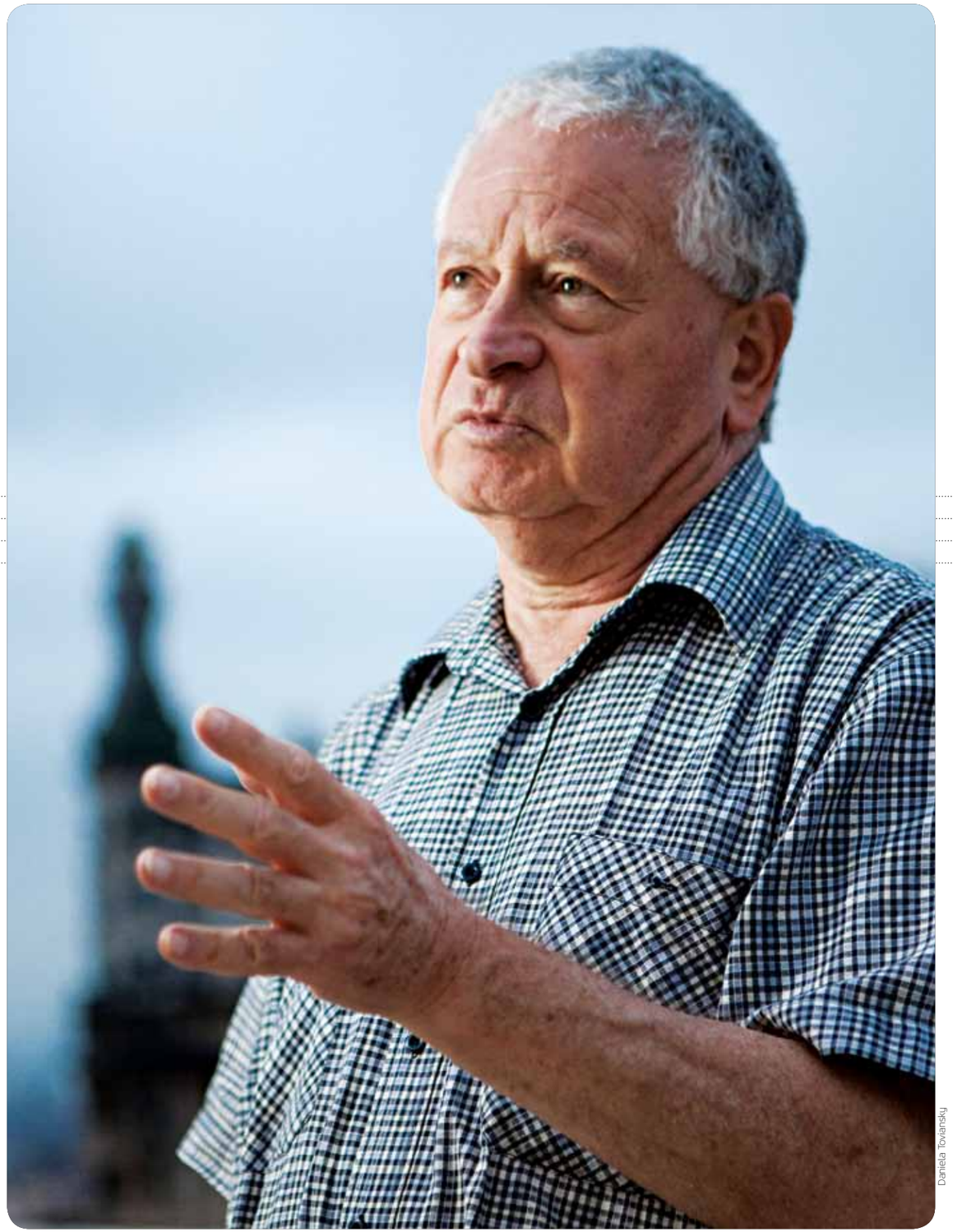
Tullo Vigevani

Para entender o Brasil e o mundo

Pesquisador é um dos responsáveis pela expansão da pós-graduação e da pesquisa em Relações Internacionais no país

Fábio de Castro



Daniela Toviansky

Nos últimos dez anos, o Brasil passou de uma posição periférica a um inédito protagonismo nos principais fóruns do mundo globalizado. Menos evidente, mas não menos importante, é a nova guinada do tema relações exteriores também dentro das universidades. A pesquisa brasileira em Relações Internacionais passou por um grande salto de qualidade e quantidade, assim como todo o campo das Ciências Políticas, num processo que está em curso há cerca de três décadas.

Tullo Vigevani é parte da história dessa pesquisa. Um dos maiores especialistas brasileiros em política externa americana, o professor de Ciências Políticas e Relações Internacionais da Unesp em Marília reconhece o momento de consolidação da área, que reúne mais de 100 cursos de graduação, boa parte deles em universidades públicas. Na pós-graduação já são 27 programas voltados para Ciência Política e Relações Internacionais, dos quais 11 com foco exclusivo nessa especialidade.

"Isso não quer dizer que antes não havia pesquisadores na área", ressalta Vigevani. "Desde o Império temos gente dedicada a investigar os problemas de relações internacionais, assim como ao longo de todo o século 20." Mas a institucionalização da disciplina só teria início a partir dos anos 1980, com a gradual abertura política no fim do período militar, explica. Para o pesquisador, dois congressos, ambos em Nova Friburgo (RJ), em 1978 e 1979, são as raízes históricas desse movimento. O mérito pelo desenvolvimento da área ele atribui aos colegas que ficaram no Brasil durante a ditadura militar.

O período sombrio que teve início com o golpe militar de 1964 foi decisivo para a trajetória de Vigevani, que foi preso e torturado mais de uma vez, até se refugiar na Itália. A mesma Itália que anos antes sua família deixou por causa do nazismo, rumo ao Brasil. Nascido em Parma em setembro de 1942, Vigevani tinha menos de um ano de idade quando Benito Mussolini foi destituído e o país foi invadido pelos alemães. A perseguição contra os antifascistas estendeu-se, de forma ainda mais violenta, aos judeus.

"Minha família é judia e meus pais fo-

Vigevani, sobre os caminhos institucionais da disciplina

Desde o Império há gente estudando os problemas de relações internacionais, mas a área só cresceu a partir dos anos 1980

O que dizem
sobre Tullo Vigevani

Jair Pinheiro
Chefe do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Unesp em Marília

Ele tem dado uma contribuição fundamental no campo das Relações Internacionais, atuando como articulador de diferentes grupos de pesquisa. Pesquisador internacionalmente reconhecido, tem conduzido estudos importantes.

Carlos Guilherme Mota
Historiador e fundador do Instituto de Estudos Avançados da USP

Intelectual muito ativo, Tullo foi um dos meus melhores alunos de doutorado. Ensaísta de mérito, tem uma percepção aguda dos nossos problemas sociais e políticos da América Latina.

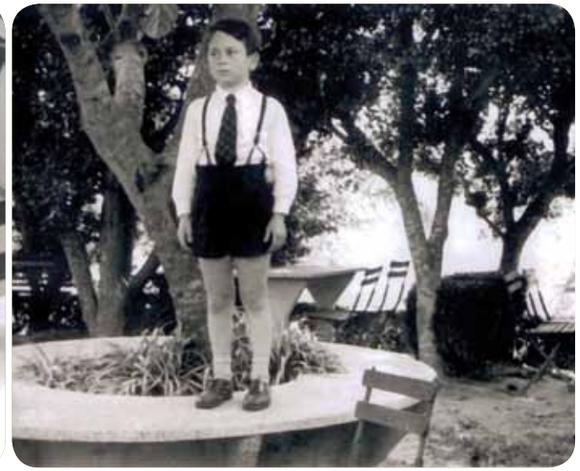
Gabriel Cohn
Professor da USP e pesquisador do Cedec

Ele sempre contemplou três dimensões. Primeiro, a referência às grandes questões do mundo; depois, a forma organizada de produzir conhecimento; e, finalmente, o rigor acadêmico. Tudo isso na perspectiva da democracia cosmopolita.

Luís Fernando Ayerbe
Professor da Unesp em Araraquara

Ele é reconhecido no âmbito tanto da pesquisa em Relações Internacionais quanto da diplomacia brasileira. Os programas que ele coordena preparam o Brasil para a nova posição que o país vem assumindo no cenário internacional.

Vigevani (*à esq.*) com a mãe e os irmãos numa praia da Toscana no verão de 1950



Arquivo pessoal

Em 1951, o menino de calça curta em São Paulo; ao lado, o professor com alunos de graduação do câmpus de Marília, em 2007

ram imediatamente procurados pela SS. Fugiram para a Suíça, onde chegaram em poucos dias. Fiquei ainda por alguns meses na Itália, a cargo de conhecidos da família e de uma babá", recorda. Em fevereiro de 1944, com dois anos de idade, ele foi literalmente lançado de volta para seus pais, por cima de um muro que demarcava a fronteira com a Suíça. A família ainda retornaria à Itália em agosto de 1945. Os avós maternos já estavam no Brasil desde 1939. "Em 1950 meus pais decidiram vir também", diz. Desembarcou no país no dia 2 de janeiro de 1951, aos oito anos de idade.

Vida clandestina

Já envolvido com o movimento estudantil, Vigevani ingressa no curso de engenharia da Escola Politécnica da USP em 1961. Foi filiado ao Partido Operário Revolucionário, de tendência trotskista. "Não fazíamos ações armadas, apenas atividade política", lembra. Em 1964, no terceiro ano da faculdade, sua vida sofreria uma reviravolta. Procurado pela polícia e pelo Exército, abandonou o curso e ficou na clandestinidade até 1970.

A primeira prisão foi de curta duração, ainda antes da ditadura, em 1961. Quatro anos depois, Vigevani foi detido por dois meses e processado com base na Lei de Segurança Nacional. Em 1970, com o AI-5 em vigência, foi preso pela terceira vez e torturado no DOI-Codi e no Dops. "Fiquei um ano e meio na cadeia, experiência que compartilhei com muitos colegas das universidades brasileiras", diz. Casou-se em 1969, na clandestinidade, e não chegou a ver o nascimento do filho. "Minha mulher, também presa, foi solta apenas para dar à luz em 20 de janeiro de 1971", conta. No ano seguinte a família, ainda perseguida, muda-se para a Itália, onde permanece até a aprovação da Lei da Anistia, em 1979.

Depois daquele difícil período no Brasil, tanto a engenharia como a militância partidária e estudantil foram ficando para trás na vida de Vigevani. Guiado por seus interesses políticos e culturais, em 1973 ele ingressa na Universidade de Roma, onde completa a graduação em Ciências Políticas e em seguida se especializa em Relações Internacionais. Na condição de asilado político, trabalhou como responsável pela biblioteca do Instituto para as Relações entre a Itália, a África, a América Latina e o Oriente Médio (Ipalmo), em Roma.

"Ali, acompanhei de perto importantes pesquisas e trabalhos sobre as relações da Europa com os países do Terceiro Mundo", diz o pesquisador. "Já havia abandonado completamente a militância política, mas cada vez mais me interessava a política internacional, em particular a política exterior brasileira." Esse foi o tema de sua dissertação de conclusão de curso, sob orientação de Pietro Pastorelli, um dos maiores especialistas em história diplomática e atual diretor dos Arquivos Diplomáticos da Itália. Dali, Vigevani partiu para Paris, para fazer o doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que não concluiu por causa da volta ao Brasil depois da anistia.

Durante os sete anos de exílio na Europa, o pesquisador continuou acompanhando os temas latino-americanos em geral e particularmente os brasileiros, tendo colaborado com campanhas italianas e europeias em favor da democratização e da anistia no país. "Chegamos a fazer algumas reuniões importantes sobre esses temas em Roma e Milão. Nunca me passou pela cabeça fixar-me fora do Brasil", afirma.

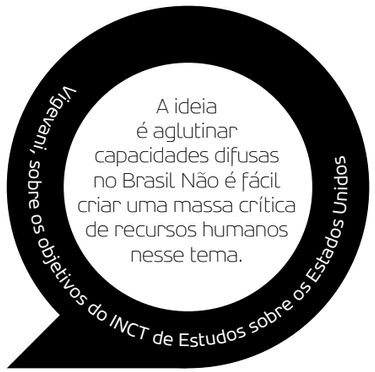
De volta a São Paulo, ingressou no doutorado em História Social na USP, em 1983. Nessa época trabalhou na Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de São Paulo e deu aula na Universidade Metodista, na Escola de Sociologia e Política e na PUC-SP. A vida como professor da Unesp teve início em 1987, aos 45 anos. "Pelas circunstâncias da vida, iniciei tarde minha carreira acadêmica, com uma idade já avançada para os padrões médios da universidade brasileira", avalia.

Aos 67 anos, dos quais 23 de Unesp, o pesquisador acumulou uma importante produção acadêmica, com a orientação de 14 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado, a publicação de 122 artigos científicos e a autoria e organização de 14 livros. Atualmente coordena duas das mais importantes redes de pesquisa no setor: o Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas; e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) para Estudos sobre os Estados Unidos, com apoio do CNPq e da Fapesp.

A articulação de grupos e redes de pesquisadores é uma das principais contribuições de Tullo Vigevani para o atual momento das Relações Internacionais no Brasil. O resultado mais evidente é o Programa San Tiago Dantas, um projeto especial da Capes que reúne Unesp, Unicamp e PUC-SP. Foi criado em 2002 para dar resposta ao aumento da demanda por especialização em Relações Internacionais, que por sua vez reflete o crescente peso da política internacional na vida do país.

Política americana

Desde 2009, o Programa San Tiago Dantas ampliou sua atuação acadêmica com a aprovação do INCT para Estudos sobre os Estados Unidos, projeto em parceria com o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec), uma instituição de pesquisa privada que agrega pesquisadores de diferentes universidades. Segundo ele, a parceria agregou um grupo de reflexão sobre teoria das relações internacionais desde o fim dos anos 1989. Foi parte desse grupo, aliás, que deu origem ao Programa San Tiago Dantas.

Estudar a política externa dos Estados Unidos é crucial para compreender o mundo contemporâneo e planejar políticas públicas, na visão do pesquisador. "Durante todo o século 20, os Estados Unidos foram a potência mais importante do mundo. Essa hegemonia no cenário internacional está em declínio, mas o conjunto de estudos realizados no Brasil nos últimos 20 anos indicam que o país ainda deverá permanecer no posto de primeira potência do planeta por pelo menos algumas décadas", explica.

O objetivo central do INCT, coordenado por Vigevani, é estudar os processos de formulação da política exterior norte-americana. A ideia é aglutinar as capacidades difusas que existem no Brasil, reunindo pesquisadores que vêm estudando os Estados Unidos do ponto de vista do funcionamento de suas instituições, da economia, das políticas de ciência e tecnologia e da própria política externa norte-americana. "Não é fácil criar uma massa crítica de recursos humanos neste tema", afirma o pesquisador. "Para isso, é preciso que esse trabalho se perenize."